

O ALÉM. A CONDUTA RELIGIOSA EM AGOSTINHO DE HIPONA¹

EL MÁS ALLÁ. LA CONDUCTA RELIGIOSA EN AGUSTÍN DE HIPONA

THE GREAT BEYOND. RELIGIOUS CONDUCT IN AUGUSTINE OF HIPPO

José Walter Cracco Junior²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas

ze_ufms@hotmail.com

Fecha de recepción: 28/08/2016

Fecha de aprobación: 02/10/2017

Resumo

Este trabalho tem o intuito de reunir breves entendimentos acerca do discurso eclesiástico, representado por Agostinho de Hipona, em que tem o intuito de normatizar as condutas humanas nos primeiros séculos da Igreja Católica, principalmente utilizando o mecanismo do Além, especialmente o Além enquanto inferno e purgatório. O presente trabalho também abarca algumas discussões acerca do período histórico em que Agostinho estava inserido e que pode ter influenciado ele a reler e criar condutas morais religiosas.

Palavras chaves

Literatura Sagrada - Agostinho de Hipona – Inferno – Demônio - Pecado

Resumen

Este trabajo pretende recopilar algunos breves alcances sobre el discurso representado por Agustín de Hipona, con el que pretende regular la conducta humana en los primeros siglos de la Iglesia católica, principalmente mediante el mecanismo del más allá, sobre todo del Infierno y el Purgatorio. Este artículo también incluye algunas discusiones acerca de la época en la que Agustín estuvo inmerso y que puede haberlo influido para leer y crear la conducta moral religiosa.

Palabras clave

Literatura Sagrada - San Agustín – Infierno – Diablo - Pecado

¹ Este artigo é um compilado de nossas primeiras reflexões acerca de Agostinho de Hipona – sobretudo voltado a forma como este bispo tratava as representações do inferno para os pecadores – no projeto de iniciação científica. O projeto está sob orientação do Prof. Dr. Ronaldo Amaral.

² Graduando do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas, UFMS/CPTL. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC) com financiamento da UFMS.

Abstract

This work is intended to gather brief understandings about the speech, represented by Augustine of Hippo, in which is intended to regulate human conduct in the early centuries of the Catholic Church, mainly by using the mechanism of the Beyond, especially the Beyond as hell and Purgatory. This paper also includes some discussions about the historical period in which Augustine was inserted and that may have influenced him to reread and create moral religious conduct.

Keywords

Sacred Literature - St. Augustine - Hell - Devil - Sin

Introdução

Como sabemos, muitos estudos emergem acerca dos escritos de Agostinho de Hipona, com isso, sua trajetória de vida, particular e eclesiástica, já são contempladas em tais estudos e não vemos a necessidade de reler tais narrativas. No entanto, consideramos aquiescente apresentar de maneira breve, mas não menos importante, o contexto histórico social e religioso ao qual Agostinho de Hipona estava inserido, isso porque, este contexto o influenciou e direcionou boa parte de seus escritos, principalmente os que aqui nos propomos a investigar – Sermões e Cidade de Deus. Esta análise de apreender o meio que influenciou Agostinho vem com a perspectiva de Certeau onde nos conta que devemos procurar uma experiência em seu estado primeiro, ou seja, primitivo. Todavia, mesmo ali, no primitivo, somos envolvidos por uma linguagem contemporânea. Neste seguimento, o Bispo de Hipona estaria sendo influenciado pelo seu meio social, religioso e particular —em especial os conflitos com sua mãe, o seu casamento, perda do filho, morte do pai, para citar apenas alguns particulares. Peter Brown nos possibilita entender mais as razões socioculturais que tocavam a sensibilidade do bispo, principalmente no que diz respeito ao maniqueísmo, o neoplatonismo e o pensamento cristão, sobretudo quando entendemos que essas correntes de pensamentos exerceram fortes e confusas inquietações nos pensamentos de Agostinho,³ como a busca pela verdade, por exemplo.

Ademais, devo considerar o que Amaral⁴ ressaltou para entender as visões de mundo que guiava o pensamento filosófico-teológico antigo em relação a matéria-espírito sendo que “a natureza débil e corruptora da matéria” se distanciavam da “relação às virtudes perenes e benignas do espírito”⁵. Soma-se a isso que “na Antiguidade Cristã [...] seus contemporâneos leram as Sagradas Escrituras, o Novo Testamento em particular, impelidos pelos condicionamentos sociometafísicos da época, caracteristicamente a partir de uma cosmovisão neoplatônica e escatológica.”⁶ Portanto, a partir desta análise entendemos o que Certeau quer nos dizer quando fala do fardo idiossincrático que o meio emprega nas análises e o quanto devemos estar atentos para isso, pois ao recairmos nossos olhares ao passado devemos considerar os acontecimentos que influenciavam os letrados em suas análises.

³ Peter Robert Lamont BROWN, *Santo Agostinho, uma biografia*. Tradução de Vera. 7ªed. Ribeiro, Rio de Janeiro, Record, 2012.

⁴ Ronaldo, AMARAL, *Santos imaginários, santos reais: a literatura hagiográfica como fonte histórica*. São Paulo, Intermeios, 2013.

⁵ AMARAL, op. cit., p. 109.

⁶ AMARAL, op. cit., pp. 110-111.

À vista disso, devemos considerar também as contribuições de Montesquieu⁷ quando diz que ocorria um debate intelectual entre defensores do cristianismo e do paganismo, ambos acusavam seus opostos pelos terríveis acontecimentos dentro do Império Romano.⁸ Sem dúvidas, Agostinho de Hipona estava preocupado em defender o cristianismo dos ataques do paganismo, pois deixou aberta suas defesas em livros intitulados “A Cidade de Deus”, em uma passagem disse que os costumes pagãos de tempos anteriores foram responsáveis pelo declínio de Roma, portanto, era necessário defender o cristianismo das ditas inverdades afirmadas pelo paganismo, entre elas que os deuses pagãos estavam punindo o Império pela adoção do cristianismo.⁹

Tendo em vista os aspectos brevemente mencionados, faz-se necessário considerarmos estas vertentes para iniciar uma análise sobre os escritos do Bispo de Hipona, pois, desta forma, consideramos o meio social, político, religioso, enfim, que influía a vida dos homens, sobretudo a *ecclesiasticorum vita* que almejavam propagar o cristianismo por todo Império Romano.

O alastramento da Igreja católica. O discurso da ordem

Partindo desta interpretação, iremos centrar nossas análises na literatura patrística de Agostinho de Hipona. Para tanto, a problemática nesta vertente, de antemão, estará sobre a afirmação da Igreja Católica na terra. Pois, o próprio bispo de Hipona disse que “os mesmos profetas que falaram que Cristo havia de nascer, morrer, ressuscitar e subir ao céu, todos avisaram também que a sua Igreja iria se multiplicar por toda terra”¹⁰.

Assim sendo, para difundir, ou mesmo impor a religião católica para todos romanos e não romanos, a Igreja fez a Europa se tornar “palco de uma intensa atividade evangelizadora”¹¹. Porém, o cristianismo se prolongou para além da Europa, pois os domínios romanos ultrapassavam tal espaço geográfico. Desse modo, o Norte da África —que fazia parte do Império Romano— para onde Agostinho voltará após sua trajetória em Milão, estava

⁷ MONTESQUIEU, *Considérations sur les causes de la grandeur des romains et leur décadence*, 1734. [Considerações sobre as causas da Grandeza dos Romanos. Rio de Janeiro, Contraponto, 2002].

⁸ MONTESQUIEU. *Considérations sur les causes de la grandeur des romains et leur décadence*, 1734. [Considerações sobre as causas da Grandeza dos Romanos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002].

⁹ AGOSTINHO DE HIPONA, *La ciudad de dios*. Obras de San Agustín. Edición bilingüe (Latín-Español) tomo XVI y edición preparada por el padre FR. José Moran. Madrid, BAC, 1958. Libro I, pp. 63-65.

¹⁰ AGOSTINHO DE HIPONA. *Sermones*. Obras Completas de San Agustín (2.A) 51-116 Sobre Los Evangelios Sinópticos. Traducción De Lope Cilleruelo, Moisés M^a Campelo, Carlos Moran y Pío De Luis Notas De Pío De Luis, Biblioteca Madrid, BAC, 1983. T.113-A, p. 828.

¹¹ Giacomo DI FIORE, “A difusão do cristianismo e as conversões”, In Umberto ECO (org.), *Idade Média – Bárbaros, cristãos e mulçumanos*, Portugal, Dom Quixote, 2010, p. 133.

dividido em duas vertentes religiosas: a Igreja Donatista e a Igreja Católica. Assim, os donatistas, afirmavam que dentro da composição da Igreja não poderia haver pessoas ruins ou que agissem de má fé, a começar pelos padres e bispos, pois seus sermões não seriam válidos, ou seja, a Igreja não estaria aberta a todos se fossem seguir o viés donatista. Contrariamente, temos o catolicismo de Agostinho de Hipona, em que a Igreja assumiria:

“[...] a postura de um grupo confiante em sua capacidade de absorver o mundo sem perder a identidade. Essa identidade existia independentemente da qualidade dos agentes humanos da Igreja: apoiava-se nas promessas ‘objetivas’ de Deus, que se realizavam magnificamente na história, e na eficácia ‘objetiva’ dos sacramentos. Essa Igreja estava faminta de almas [...] postava-se pronto a cumprir o que considerava ser sua missão histórica: dominar, absorver, conduzir um império inteiro”¹².

Tendo em vista esta dualidade religiosa e, por consequência, o surgimento de embates, o cristianismo difundido por Agostinho, com ajuda de patronos e camponeses cristãos — não caberia aqui discutir os conflitos rurais entre cristãos e donatistas, pois iríamos nos distanciar da intenção deste artigo e adentrar especificidades complexas— conseguiu atrair mais seguidores, defensores, fiéis, enfim, e se perdurar de forma latente até a Reforma de Lutero no século XVI onde passou por alguns abalos em sua estrutura, mesmo assim conseguiu se manter como instituição. Em vista disso, uma questão nos intrigou: qual, ou quais, mecanismos utilizados pelo bispo de Hipona para conseguir converter pessoas que tinham sua religiosidade fundada no politeísmo, cultos ditos pagãos e donatistas?

Essa pergunta abarcaria muitas respostas das mais variadas vertentes, historiográficas, filosóficas, sociológicas. Portanto, para nos aproximarmos de uma possível resposta, levaremos em conta as contribuições de Foucault¹³ em que propõe analisar a ordem do discurso, especialmente o discurso envolvido na literatura, pois “uma mesma e única obra literária pode dar lugar, simultaneamente, a tipos de discursos bem distintos”¹⁴. Tais discursos envolvidos nas literaturas, sobretudo na literatura patrística e hagiográficas, nos possibilita a aproximação com o contexto sócio mental da época. Assim, entendemos que a hagiografia é uma realidade construída e constitutiva por seus autores, uma vez que o autor é sempre o porta-voz de seu meio, ou seja, do imaginário coletivo e dos ideais da comunidade, portanto, “[...] as hagiografias podem certamente testemunhar [...] dados da vida concreta de sua época,

¹² Peter Robert Lamont BROWN, *Santo Agostinho, uma biografia*. Tradução de Vera. 7ªed. Ribeiro, Rio de Janeiro, Record, 2012, p. 265.

¹³ Michel FOUCAULT, *A ordem do Discurso*, 11ª ed. São Paulo, Loyola, 2004.

¹⁴ FOUCAULT, *Ibidem*, p. 24.

tangenciando inclusive as circunstâncias do imaginário [...] principalmente quando se tem por ótica e métodos os aspectos ligados ao político e econômico.¹⁵

Nesse seguimento, considerando que a escrita era um privilégio para poucos, e, por consequência, não apreendia muitas pessoas, a fala, a oralidade, o discurso, enfim, era o mecanismo mais utilizado para levar o conhecimento de Deus aos homens. Agostinho gozava de uma tremenda retórica, capaz mesmo de confeccionar um discurso religioso que trazia a ordem ao caos. Nesse sentido, Foucault (1999) nos diz que a desordem, neste caso os embates religiosos e a divisão da população em duas vertentes, prenuncia a criação da ordem, em especial a ordem religiosa Católica. Todavia, devemos recair nossos olhares para o lugar em que se passariam as “razões classificadoras” que Foucault nos diz, e o que seria necessariamente classificado. Neste segundo ponto as Escrituras Sagradas estariam sendo interpretadas, classificadas e transcendida aos homens por intermédio da Igreja, portanto, estaria neste eixo de transmissão as razões classificadoras, a formação da ordem, da conduta religiosa, moralmente exequível. As classificações da Igreja e de seus líderes eclesiásticos eram fundadas em lugares de heterotopias, ou seja, lugares que “dessecam o propósito, estancam as palavras nelas próprias, contestam, desde a raiz, toda possibilidade de gramática”¹⁶.

Tais perspectivas são classificadas como heterotopias, pois muito embora o intuito maior da Igreja era levar os homens ao encontro de Deus. No entanto, era necessário que os mesmos homens velejassem pelo viés aberto pela Igreja e seus líderes —a religião cristã imbuída de seus princípios e condutas morais— visto que a Igreja era o elo de comunicação de Deus com os homens, isto teria sido afirmado pelos profetas a quem Agostinho de Hipona se referiu, e ele mesmo pôde alicerçar este pensamento aos seus seguidores. Logo podemos notar a disseminação da ordem da *Ecclesia*, tendo sua gestação para além do Novo Testamento, e Escrituras Sagradas, mas sim se acoplando dos autores e interpretadores dessas doutrinas, isto é, homens igual Santo Ambrósio e Agostinho de Hipona que assumiram sua figura de autores, porém, não autores em seu sentido de tecer propriamente todo o discurso religioso —não queremos com isso dizer que os nomes citados não desenvolveram conceitos e doutrinas a partir de sua intelectualidade— mas entende-los a partir de autores “como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, com foco da coerência”¹⁷.

¹⁵ Ronaldo, AMARAL, *Santos imaginários, santos reais: a literatura hagiográfica como fonte histórica*. São Paulo, Intermeios, 2013, p. 68.

¹⁶ Michel FOUCAULT, *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1999, p. 13.

¹⁷ Michel FOUCAULT, *A ordem do Discurso*, 11ª ed. São Paulo, Loyola, 2004, p. 26.

À vista disso, percebemos o quão os discursos dos homens eclesiásticos puderam disseminar a doutrina cristã pela Europa e para além dela. Assim sendo, tornar-se-á, por si só, pródigo analisar o discurso da Igreja, principalmente nas bases do cristianismo primitivo, pois é a partir do mesmo que se cria os mecanismos de controle social, político, econômico e religioso como já podemos notar em Agostinho de Hipona nos séculos IV e V e que depois se perduraria de forma latente por cerca de dez séculos na Idade Média, transpassando pela dita Idade Moderna onde a Igreja pôde se disseminar para os domínios do além-mar português, por exemplo; chegando como instituição centralizada e hierarquizada até o tempo vigente. Por concludente, entendemos o quão a Igreja se fez precisa para aquilo que foi criada, ou seja, agiu como uma empresária de Deus na terra, arrecadando almas, terras, riquezas, monopólio do poder, tudo justificado em nome de Deus e para Deus.

O Além e a conduta

Considerando o florescimento da ordem nos discursos eclesiásticos, portanto a instalação da conduta religiosa cristã, podemos notar, a partir dos escritos de Agostinho de Hipona, as preocupações com o destino do homem após sua morte, ou seja, a latente preocupação com o Além, dado que “o além é um dos grandes horizontes das religiões e das sociedades. A vida do crente transforma-se quando ele pensa que nem tudo fica perdido com a morte”¹⁸. Este Além tanto pode ser considerado paraíso, inferno ou purgatório, este último “supõe e provoca uma modificação substancial das perspectivas do espaço-tempo do imaginário cristão”¹⁹.

Isso porque, a crença no Além, no pós vida da alma, implica mudanças e condutas na vida terrena, pois o modo de vida que os homens escolhem em terra são levados em consideração no dia do Juízo Final. Agostinho de Hipona aponta em seus Sermões algumas condutas corretas para o homem atingir o paraíso, dito lugar de conforto e perto de Deus, dentre elas o compromisso do homem seguir a Lei de Deus. Em mesma instância, alerta e adverte os modos de conduta desobedientes, heréticos, pecadores, enfim, que levam os homens aos confins do inferno, ou ao fogo purificador.

Le Goff nos lembra que um texto do Antigo Testamento retirado do Livro II dos Macabeus foi aproveitado pela teologia cristã antiga, em especial por Agostinho,²⁰ quando

¹⁸ Jacques LE GOFF, *O nascimento do purgatório*. 2ª ed. Editorial Estampa, 1995, p. 15.

¹⁹ Ídem.

²⁰ Devemos considerar o que Minois nos disse: “Agostinho é abundante acerca do fogo. Na cidade de Deus, fica encantado com as admiráveis propriedades das chamas, capazes mesmo de branquear e enegrecer, e, portanto, de purificar e castigar”. Georges MINOIS, *Historia de los infernos*, Barcelona, 2005, p. 147.

constata a existência de uma crença no Purgatório contendo uma possibilidade de resgate dos pecados depois da morte e eficácia das orações dos vivos pelos mortos. Para tanto, era necessário o pecador passar pelo temido fogo infernal, pois “o fogo do Purgatório foi ao mesmo tempo um castigo, uma purificação e um ordálio”²¹. Jacques Le Goff também nos apresenta um outro prisma que Agostinho empregava ao Purgatório, isto é, utilizava este mecanismo para trabalhar o medo do inferno e, soma-se a isso que para “instituir o Inferno que ele definiu certas categorias de pecadores e de pecados”²².

Minois nos conta que para Agostinho o inferno seria um lugar físico distinto deste mundo, portanto, não está neste mundo como disseram os gnósticos. O inferno estaria debaixo da terra, o que contrapõe, por exemplo a visão que os livros bíblicos do Gênesis nos narram sobre essa concepção.²³ Neste sentido, podemos notar o quão Agostinho estava, insistamos aqui, imbuído com as leituras das Sagradas Escrituras, especialmente com o Novo Testamento. E, se centrarmos as análises aos trechos bíblicos, notaremos o quanto a narrativa desperta o imaginário, as razões sensíveis, o sentimento de fé, enfim, pois, segundo o Apóstolo Paulo, em carta a Timóteo, dizia que “toda Escritura é inspirada por Deus e útil para ensinar, refutar, corrigir, educar na justiça, afim de que o homem de Deus seja perfeito, preparado para toda boa obra”²⁴. Benjamin nos alerta que a narrativa possibilita interpretar a história e, com isso, o episódio narrado atinge uma grande amplitude e cumpre seu caráter artesanal de comunicação.²⁵ Desta forma, Agostinho em sua posição de Bispo de Hipona e bom leitor de Paulo, conseguia “retirar da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”²⁶.

Em síntese dos argumentos, podemos entender que o inferno logo era associado na visão cristã como um local de sofrimento e punição que tinha o mal como seu pano de fundo principal. Porém, Russell nos permite entender que o inferno, principalmente considerado a partir do Novo Testamento, ainda não estaria totalmente associado ao reino do Diabo, é ainda um lugar pouco definido, mas que sabemos, e notamos isso nas *Enarraciones sobre los salmos* de Agostinho, que seria o local ideal para a punição das almas pecadoras e, por consequência, morada do Diabo, que mais tarde seria considerado como senhor das almas neste local. Portanto:

²¹ Jacques LE GOFF, *O nascimento do purgatório*, 2ª ed. Editorial Estampa, 1995, p. 62.

²² *Ibidem*, p. 92.

²³ MINOIS, Georges. *Historia de los infiernos*. Barcelona, Paidós, 2005.

²⁴ *Nova Bíblia Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2014.

²⁵ *Ibidem* p. 221.

²⁶ Walter BENJAMIN, “Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura”, In *Idem Obras escolhidas*; volume 1. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. 3ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 201.

“O Diabo do Novo Testamento é um tentador, um emboscador, um assassino, a causa da morte, a feitiçaria e idolatria; causa danos físicos nas pessoas e bloqueia, barra, sempre que pode os ensinamentos do Reino de Deus, nos agride o espírito e nos tenta a cometer o pecado. Por tudo isso é um inimigo do Reino de Deus”²⁷.

Nesta breve descrição já se faz notório o quão o Inferno e o Diabo foram associadas as más experiências, pois, o inferno seria “constituído por um conjunto de experiências já terrivelmente sensíveis ao homem neste mundo: o fogo inextinguível, o abismo de profundidade incomensurável, a feiura horripilante, o cheiro insuportavelmente desagradável”²⁸. Além disso, seria o lugar de destino fixo de alguns homens depois da morte, nem mesmo os sufrágios poderiam aliviá-los. Portanto, era necessário que em vida o homem fosse honrosa para com a doutrina cristã para alcançar o Reino do céu e não o tormento eterno junto ao Diabo. Podemos enaltecer essa nossa perspectiva com as próprias palavras de Agostinho, pois narra duas formas de vida: “uma presente e outra futura. Possuímos a presente enquanto que a futura apenas cremos. Estamos na presente e não chegamos ainda na futura. Enquanto vivemos a presente, juntamos méritos para adquirir a futura, pois a inda não estamos mortos”²⁹.

Todavia, podemos indagar acerca de quais seriam estes métodos para adquirir uma vida futura, porém, a resposta não seria muito complexa, aliás, já nos arriscamos a respondermos em partes anteriores deste trabalho; seriam as condutas religiosas adotadas pelos homens eclesiásticos e transpassadas aos fiéis por meio dos sermões e rezas. Entretanto, para além deste ponto heterotópico, ou seja, bem definido, devemos transcender essa análise heterotópica e partir para uma análise utópica,³⁰ ou seja, velejar a lugares que ninguém foi, isto é, seria realizar uma arqueologia do saber, cavar mais a fundo e retirar novas interpretações acerca dos méritos necessários para conseguir a salvação da alma.³¹

Quando utilizamos o conceito utopia, não queremos com isso dizer que são concepções pautadas em fantasias ou projetos irrealizáveis em que são acoplados juízos de valores, antes mesmo de começar a estudar a questão, “mas sim que a maioria das pessoas ainda não é capaz

²⁷ Jeffrey Burton RUSSELL, *El Diablo: percepciones del Mal, de la antigüedad al cristianismo primitivo*. Barcelona, Editorial Laertes, 1995, p.239.

²⁸ Ronaldo AMARAL, “Do(s) tempo(s) do mundo aos espaços da eternidade: as viagens aos lugares do além na literatura hagiográfica tardo-antiga”, *Revista Signum*, vol. 14, n. 2 (2013).

²⁹ AGOSTINHO DE HIPONA. *Sermones*. Obras Completas de San Agustín (2.A) 51-116 Sobre Los Evangelios Sinópticos. Traducción De Lope Cilleruelo, Moisés M^a Campelo, Carlos Moran y Pío De Luis Notas de Pío De Luis. Biblioteca Madrid, BAC, 1983. T.113-A, p. 829.

³⁰ A apreensão de utopia que estou utilizando aqui é a trazida por Foucault, 1999, op. cit., em que defende a utopia, na perspectiva literária como um lugar cabível para novos olhares e perspectivas.

³¹ Michel FOUCAULT, *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução Salma Tannus Muchail. 8^a ed. São Paulo, Martins Fontes, 1999, p. 13.

de propor-se a sua realização”, ou seja, concepções pensadas em um dado momento histórico cujo entendimento não é alocado no mesmo tempo, mas compreendido em um tempo posterior, portanto, “fantasias de um séculos são realidades de um outro”³². A isso podemos alocar alguns métodos e conceitos de Agostinho de Hipona que não foram compreendidos no momento em que instituiu, porém, atingiu grandes proporções tempos mais tarde, como a recomendação que todo cristão deixasse a Igreja a fração de um filho, com isso, aumentando de forma latente a os patrimônios da Igreja na Alta Idade Média. A própria teoria do agostinianismo político no século IX, para citar apenas duas doutrinas que foram desenvolvidas tempos após a sua criação.³³

Portanto, considerando num plano utópico, podemos entender que Agostinho utilizou o mecanismo da conduta moral cristã para controlar os fiéis, ademais os fiéis estavam convencidos que tais planos eram realmente a forma mais harmonizada de chegar a vida eterna após a morte junto a Deus, no paraíso propriamente dito. Porém, Agostinho tinha que lidar com os problemas dos homens que não seguiam a conduta, ou mesmo os que seguiam, mas cometiam desvios de conduta. Para tanto, foi necessário utilizar o mecanismo do discurso normatizador do pecado para infundir a culpa nos leitores/ouvintes. As punições transcendiam aos sacrifícios físicos, tocavam a sensibilidade moral dos homens, ou seja, utilizava-se do Além, em específico, o além infernal, onde os pecadores iriam pagar seus pecados com o fogo purificador, ou mesmo seriam destinados para lá sem a salvação. O próprio Agostinho disse que “para os desobedientes a morte seria o mais justo castigo e condenação”³⁴. Até porque, com a morte chegaria a vida futura, que dependeria das ações na vida presente para determinar onde a alma faria sua morada eterna.

As razões para o homem pecar poderiam tomar vários seguimentos, desde a heresia de contestar algum princípio da ordem religiosa, ou mesmo ignorá-la, até o desejo do pecado carnal, o próprio sexo ou a erotização. Além disso, o homem, segundo Agostinho,³⁵ deveria viver do amor, da compaixão pelo próximo. No entanto, o mundo é marcado pelo mal, pelo sofrimento, pela concupiscência. Em outras palavras, pelo pecado. Portanto, o humano em seu sociocultural é afetado pela violência, pelo sofrimento, pela injustiça, pela ganância. É então necessário que encontre portas para alcançar a virtude e a união com Deus.

³² Jerzy SZACHI, *As utopias*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972, p. 5,

³³ Hilário FRANCO JÚNIOR, *A Idade Média: Nascimento do Ocidente*, São Paulo, Brasiliense, 2001, p. 72.

³⁴ AGOSTINHO DE HIPONA. *La ciudad de dios*. Obras de San Agustín. Edición bilingüe (Latín-Español) tomo XVII y edición preparada por el padre FR. José Moran. Madrid, BAC, 1958. T.13.

³⁵ AGOSTINHO DE HIPONA. *Sermones*. Obras Completas de San Agustín (2.A) 51-116 Sobre Los Evangelios Sinópticos. Traducción De Lope Cilleruelo, Moisés M^a Campelo, Carlos Moran Y Pío De Luis Notas de Pío De Luis. Biblioteca Madrid, BAC, 1983. T. 60; 65; 71.

Sendo desta forma, Amaral nos conta acerca do modo de vida que os eremitas adotaram e pregavam para se isolarem da sociedade, muito embora eram guiados pelo ideal das Sagradas Escrituras em que:

“A Bíblia pode ser considerada, ao mesmo tempo [...] fonte e modelo para o surgimento e efetivação do modo de viver e conceber a realidade para os primeiros monges. A apreensão literal e radical do texto bíblico, entre outras circunstâncias fundará, segundo a tradição monástica primitiva, esse fenômeno religioso cristão. Conclui-se, portanto, que, se a Bíblia é a fonte primeira da vida monástica, ela o é porque nos apresenta um modelo de igual envergadura: Jesus Cristo”³⁶.

Portanto, podemos compreender esta semântica e vislumbrá-la para o nosso entendimento acerca do que a sociedade representava, ou seja, o território propício para os pecados se manifestarem, pois, “o meio urbano era visto por esses homens, em razão de sua localização, época, *modus vivendi* e profissão religiosa, como lugar do pecado, do diabo, da corrupção e, portanto, da não divindade de Deus”³⁷. À vista disso, os eremitas se isolavam nos desertos, de forma solitária, para se imbuírem de ideais monásticos que os revestia de proteção contra os pecados, controlavam seus deleites e encontravam o seu estado de espírito que nenhum mal poderia lhes atingir, podendo estes voltarem para a vida em sociedade após este refúgio espiritual.

Isto posto, entendemos que as narrações de Agostinho de Hipona acerca do mal devem ser entendidos a partir da perspectiva que “o efeito do mal na mente é impossibilitar ao pecador pensar claramente e, em particular, entender verdades espirituais mais elevadas e ideias abstratas”³⁸. Todavia, podemos notar no Livro III de suas *Confissões* a defesa de Agostinho a Deus, pois haviam acusações que o mal é resultado da opção livre da vontade, e Deus teria criado à vontade, porém o mesmo Agostinho assumiu que não conseguia chegar a um entendimento coeso na época, mas que Deus era a salvação para o mal e os cristãos poderiam garantir isso por meio das rezas, da conduta, do espargimento da doutrina cristã, das indulgências, entre outros mecanismos utilizados para garantir a salvação.

Diante esta complexidade de pensamento acerca do mal, do inferno, do demônio em suas manifestações entendidas como o mal, e o Diabo como principal articulador e acusador de imbuir os desvios de conduta, podemos levantar como reflexão o quão Agostinho utilizou-

³⁶ Ronaldo AMARAL, *A Santidade habita o Deserto. A hagiografia à luz do imaginário social*, São Paulo, Editora Unesp, 2009, p. 112.

³⁷ Ronaldo AMARAL, *Da renúncia ao mundo à abolição da História. O paraíso no imaginário dos Pais do Deserto*, Campo Grande, Editora da UFMS, 2011, p. 19.

³⁸ G. R. EVANS, *Agostinho sobre o mal*, São Paulo, Paulus, 1995, p. 53.

se do mecanismo do pecado, o recurso do Além infernal para ressaltar o dever dos homens com Deus, sobretudo com a sua representante na terra: a Igreja Católica.

Considerações finais

Levando em consideração uma abordagem comparativa, sociocultural e historicamente referendada, em relação às narrativas, míticas ou teológicas afirmativas, que buscariam conceber e edificar uma determinada sua divindade, entendemos que Deus, é “mais um produto humano e de seu tempo do que o criador propriamente do tempo e do humano”³⁹. E, portanto, não poderíamos negar a existência metafísica de Deus, pois como negar a força motriz de tais transformações e criação de mecanismos religiosos, políticos e sociais? Em mesma instância, não poderíamos negar o Demônio, ou o Diabo, como queira alguns, pois como nos disse Amaral estaríamos negando o próprio cristianismo católico, dado que a própria Igreja se debruçou mais nos sermões acerca do mal e temor do inferno do que a existência unívoca de Deus.

À vista disso, o discurso religioso de Agostinho de Hipona interessa muito a história, dado que os seus pensamentos que assumiram formas de sermões e doutrinas foram materializados pelas ações cotidianas ordinárias dos fiéis. Além disso, podemos notar depois dos anos mil uma imensa produção e debates acerca do inferno e do purgatório, debates esses já inaugurados por Agostinho de Hipona e outros padres da Igreja de seu tempo.

Portanto, por meio de um levantamento heurístico que aqui nos propomos a realizar, juntamente com os documentos que, neste caso, foram respaldados pelas incursões às razões sensíveis e ao imaginário coletivo cristão, tentamos abordar, de maneira breve, as principais e iniciais questões relacionadas ao discurso religioso e a maneira como era trabalhado o Além no pensamento cristão antigo. Dessa forma, entendemos como pertinente realizar esta análise, visto que é uma história humana que se justifica a partir das verdades interiores. Assim, nessa perspectiva estamos submetidos ao que um dia, de certa forma, foi ou pelo menos foi pensado, porém não conseguimos narrar a totalidade dos eventos, processos e estruturas, mas, talvez, nos aventuramos a realizarmos reconstruções do passado a partir dos documentos, narrativas, literaturas,⁴⁰ sobretudo as literaturas patrísticas que nos proporcionam uma grande riqueza sócio mental religiosa acerca do imaginário tardo-antigo.

³⁹ Ronaldo AMARAL, *Da renúncia ao mundo à abolição da História. O paraíso no imaginário dos Pais do Deserto*, Campo Grande, Editora da UFMS, 2011, p. 17.

⁴⁰ Paul RICOEUR, *Tempo e narrativa*. Tomo III. Trad. Roberto Leal Ferreira, Campinas, Papirus, 1997, p. 242.